



## XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

"SER CONTEMPORÂNEO: MEDO E PAIXÃO"

25 A 28 DE SETEMBRO DE 2013  
Campo Grande- MS

informações:  
[www.febrapsi.com.br/congresso](http://www.febrapsi.com.br/congresso)

## palavras da presidente

GLEDA BRANDÃO COELHO MARTINS DE ARAUJO

É com imenso prazer que escrevo minhas "palavras" para este número do Jornal da FEBRAPSÍ, pois acabamos de completar o primeiro ano de gestão, e nesse período a diretoria visitou diversas federadas dando apoio aos eventos locais e constatando a riqueza e a pujança da psicanálise brasileira. Gostaria de convidar cada colega das Sociedades, Grupos de Estudo, Núcleos e Institutos para virem a Campo Grande no próximo ano participar do XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise. Desde já dou-lhes minhas calorosas boas vindas.

O Conselho Científico está trabalhando na programação científica do Congresso em torno do tema central: **Ser Contemporâneo: Medo e Paixão**. O Comitê Local, capitaneado pela presidente da SPMS, Lenita Araujo, já começou suas atividades empenhando-se em trabalhar nos itens ligados à infraestrutura, bem como em pesquisar comodidades, apoios e opções de entretenimento para que os colegas que aqui vierem possam desfrutar não somente do congresso, mas também de tudo que nossa região tem a oferecer.

Falar sobre Mato Grosso do Sul, e mais particularmente sobre Campo Grande, é uma tarefa prazerosa para

uma campo-grandense nata. Tendo localização estratégica em relação aos países integrantes do MERCOSUL e aos grandes centros consumidores do país, Campo Grande é a maior cidade e o mais importante polo econômico do estado de Mato Grosso do Sul. Destaca-se pelo crescimento organizado e planejado e por seu traçado de avenidas largas e arborizadas.

A jovem "Cidade Morena", alcunha que recebeu pela cor vermelha de suas terras, está localizada aos pés da Serra de Maracaju. Seu fundador aqui chegou em 1872, atraído pela privilegiada localização geográfica e posição estratégica, o que trouxe contingentes populacionais cada vez maiores de outras regiões do país.

Em consequência de sua vocação para o crescimento, Campo Grande, mesmo no período anterior à divisão de Mato Grosso, tinha ares de Capital. Assim, quando a divisão foi concretizada em 1979, a cidade floresceu cumprindo seu destino de ser grande centro urbano, mas ainda guardando certo ar de cidade de interior, o que lhe confere charme especial. Atração à parte é a possibilidade de conhecer outras regiões do estado como: Bonito, Pantanal, ou cidades paraguaias de fronteira com

o Estado. Bonito está localizada em região de natureza exuberante e oferece passeios como trilhas, cachoeiras, flutuação e mergulho. O Pantanal é uma das maiores extensões úmidas contínuas do planeta e uma das mais exuberantes e diversificadas reservas naturais da terra, apresentando múltiplas possibilidades de passeios, especialmente para ecoturismo. Novidades tecnológicas e produtos importados são encontrados em cidades que ficam na fronteira, como Ponta Porã, na divisa com Pedro Juan Caballero, onde encontram-se as lojas de departamento.

Portanto, queridos colegas, espero cada um de vocês aqui em Campo Grande para ver de perto a graça e o charme dessa jovem morena chamada Campo Grande.



Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS)



# Novas diretorias para o biênio 2012/2014

## SBPSP - Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Diretora Presidente: Nilde J. Parada Franch  
Secretário Geral: Luiz Tenório de Oliveira Lima  
Diretora Científica: Vera Regina J.R.Marcondes Fonseca  
Diretora Administrativa: Telma Kutnikas Weiss  
Diretora Financeira: Yeda Alcide Saigh  
Primeira Secretária: Sandra Maria Gonçalves  
Diretora de Comunidade e Cultura: Liana Pinto Chaves  
Diretora Regional: Jurenice Picado Alves  
Diretora de Atendimento à Comunidade: Regina Elizabeth Lordello Coimbra  
Diretora do Instituto de Psicanálise: Leda Affonso Figueiredo Herrmann  
Secretária Geral: Mariza Inglês de Souza  
Secretário de Currículo: Daniel Delouya  
Secretário de Acompanhamento: Wagner Francisco Vidille  
Secretária de Seleção: Maria Aparecida Quesado Nicoletti  
Secretária do Setor de Análise de Crianças e Adolescentes: Neyla Regina de Avila Ferreira França  
Secretária Adjunta: Maria da Penha Zabani Lanzoni

## SBPRP - Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto

Presidente: Rachel Barbosa Lomônaco Beltrame  
Diretora Secretária: Ana Cláudia Gonçalves Ribeiro de Almeida  
Diretora Financeira: Josimara Magro Fernandez de Souza  
Diretora Científica: Lia Fátima Christóvão Falsarella  
Diretora do Instituto: Sônia Maria Mendes Eleutério Mestriner  
Secretária do Instituto: Guiomar Papa de Morais

## GEPMG - Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais

Presidente: Sérgio Kehdy  
Secretária Geral: Edna Pires Guerra Torres  
Tesoureira: Thereza Cristina Paione Rezende  
Diretora Científica: Rosália Lage Martins Bicalho  
Diretora do Instituto de Psicanálise: Marília Macedo Botinha  
Diretor do Departamento de Atenção Psicanalítica: Sebastião Abrão Salim

## GEPCampinas - Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas

Diretor Presidente: Nelson José Nazaré Rocha  
Diretor Secretário: Hang-Ly Homem de Ikegami Rochel  
Diretor de Ensino: Vera Lúcia Colussi Lamanno Adamo  
Diretor Financeiro: Ruth Mattos de Cerqueira Leite  
Diretor Científico: Martha Prada e Silva  
Diretor de Extensão: Adriana Maria Nagalli de Oliveira  
Diretor de Avaliação e promoção de membros: Ronis Magdaleno Jr.  
Secretário de Currículo: Regina Maria Leme Lopes Carvalho  
Secretário de Seleção: Alicia Beatriz Dorado de Lisondo  
Secretário de Acompanhamento: Heloísa de Souza Camargo Pieri  
Secretário de Avaliação: Ataliba de Carvalho Jr.  
Secretário de Qualificação e Acompanhamento Didático: Roosevelt Moisés Smeke Cassorla  
Conselho Fiscal:  
Ernestina Vono Carneiro  
José Carlos Veras Di Miguéli  
Paulo de Tarso Ubinha

## FEDERADAS E PRESIDENTES

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) Nilde J. Parada Franch  
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) Judit Letsche  
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) Bernard Miodownik  
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre(SPPA) Viviane Sprinz Mondrzak  
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPR) Maria Arleide da Silva  
Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB) Luciano Wagner Guimarães Lirio  
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) Helena Ardaiz Surreaux  
Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPeL) José Francisco Rotta Pereira  
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) Rachel B. Lomônaco Beltrame  
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ RIO 4) Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo  
Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS) Lenita Osório Nogueira Araujo  
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG) Sérgio Kehdy  
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG) Delza Maria da Silva Ferreira de Araujo  
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFor) Valton Miranda Leitão  
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas) Nelson José Nazaré Rocha

## DELEGADOS

Alírio Dantas Jr.	Maria Arleide da Silva
Ana Cláudia G.R. de Almeida	Maria de Fátima Chavarelli
Ana Paula Terra Machado	Nelson José Nazaré Rocha
Bernard Miodownik	Nilde J. Parada Franch
Christine Marques Castro Vinhas	Paulo Marchon
Cláudio Campos	Paulo Quinet de Andrade
Delza Maria da Silva Ferreira de Araujo	Rachel B. Lomônaco Beltrame
Eleonora Abbud Spinelli	Ronaldo Mendes de Oliveira Castro
Hang Ly H. de Ikegami Rochel	Rosa Raposo Albé
Helena Ardaiz Surreaux	Sebastião Abrão Salim
José Francisco Rotta Pereira	Sergio Antonio Cyrino da Costa
Judit Letsche	Sérgio Kehdy
Lenita Nogueira Osório Araujo	Valton Miranda Leitão
Luciano Wagner Guimarães Lirio	Viviane Sprinz Mondrzak
Luis Tenório de Oliveira Lima	Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo	

## CONSELHO PROFISSIONAL

Diretora: Ana Paula Terra Machado (SBPPA)  
SBPSP - Alicia B.Dorado de Lisondo  
SPRJ - Paulo Lessa  
SBPRJ - Marguerite Labrunie  
SPPA - Ruyard Emerson Sordi  
SPR - Maria Crisales Lima Rezende  
SPB - Sylvain Nahum Levi  
SBPdePA - Beatriz Saldini Behz  
SPPeL - José Francisco Rotta Pereira  
SBPRP - Maria Auxiliadora Campos  
APERJ Rio-4 - Sergio Antonio Cyrino da Costa  
SPMS - Ana Deise Leonardo Cardoso  
GEPMG - Eliane de Andrade  
GEPG - Daniel Emídio de Souza  
GEPFOR - Roberto Nóbrega Teixeira  
GEPCampinas - Hang Ly H.de Ikegami Rochel

## NÚCLEOS

Núcleo Psicanalítico de Curitiba  
Núcleo de Psicanálise de Marília e Região  
Núcleo Psicanalítico de Natal  
Núcleo Psicanalítico de Maceió  
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis  
Núcleo Psicanalítico de Aracajú  
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo  
Núcleo Psicanalítico de Salvador  
Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina

## REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Bernardo Tanis (SBPSP)  
Editora Associada: Alice Paes de Barros Arruda

# A CONSTRUÇÃO DO ANALISTA OU O ANALISTA AMEAÇADO DE DES-CONSTRUÇÃO

ELIAS MALLET DA ROCHA BARROS

Agradeço o gentil convite de Nilde Parada Franch para refletir sobre o processo de construção do analista. Tomarei, contudo, um caminho diferente, e falarei dos perigos que nos ameaçam provenientes de pressões para a des-construção de nossa identidade original.

Encaro minhas considerações como uma continuação às anteriormente feitas por Cláudio Eizirik (nº 46). Em seu artigo, ele enfatiza o processo dinâmico da construção do analista como um eterno vir a ser. Insiste também em quão difícil é manter nosso instrumento afinado e afiado. Deveras! Daí, parto para propor uma reflexão a respeito das forças que atuam sobre nós exercendo forte pressão para desafinarmos e abandonarmos nosso instrumento analítico, e desse modo nos arriscamos a deixar de ser analistas, aparentemente em nome da necessidade de nos adaptarmos aos tempos atuais.

Acho que uma das forças mais danosas se expressa na pressão sutil e indireta para a adoção de uma atitude conformista que assume diversas modalidades, algumas muito sedutoras, mas que no fundo nos convidam a abandonar a atitude crítica e revolucionária que marcou o surgimento da psicanálise. Não terei tempo, aqui, para desenvolver minha crítica às suas múltiplas manifestações. Assim, procurarei selecionar apenas algumas delas.

Início minha reflexão convidando nossa comunidade a adotar uma postura crítica frente à insistência com que somos convidados a respeitar acriticamente a existência de um pluralismo no campo da psicanálise. Somos todos a favor do pluralismo, e não vejo nada de errado em respeitá-lo, desde que esse pluralismo exista e não seja uma quimera. Também somos a favor da de-

mocracia, da liberdade, da criatividade, do apoio ao desenvolvimento pessoal, do direito de cada um adotar a teoria que lhe parecer mais útil, etc. Quem, em são consciência, não o seria? Contudo, André Green, nos últimos anos, convidou-nos incessantemente a nos perguntarmos: será que, de fato, esse pluralismo existe? Pluralismo é algo a se chegar, não um ponto de partida. A mera crença no pluralismo não fará com que ele exista, e só reforçará a atitude conformista acrítica. Por que esta questão é importante?

Se as diversas teorias, modelos, paradigmas não forem examinados criticamente, como podemos saber se estamos diante de uma pluralidade, uma vez que as supostas diferenças podem não se sustentar, se é que existem? Como detectar a natureza das reais diferenças entre as diversas abordagens, se não sabemos quais são elas, se somos incessantemente convidados tão somente a respeitá-las? Não estou advogando o entrenchamento dos analistas em 'Escolas de Pensamento', mas sim o questionamento dos fundamentos de cada abordagem.

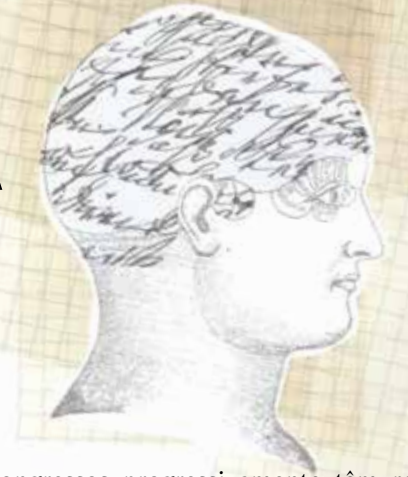
Nós, analistas (sempre)-em-construção, e sobretudo aqueles que ingressaram em nossos Institutos de Formação, nos educamos nos debates que geram crises paradigmáticas, e que deveriam se realizar em nossos congressos, seminários, revistas, etc. É neste meio, e sobretudo no acompanhamento das controvérsias, que as novidades têm surgido no campo da psicanálise. Penso que este mesmo meio está sendo comprometido pelas mesmas forças que nos convidam ao conformismo.

Em nome da democracia e do estímulo ao desenvolvimento da criatividade de individual, nossas revistas e nossos

congressos progressivamente têm reduzido os tempos e espaços para nossas manifestações reflexivas. Sou integralmente favorável a que façamos tudo para prevenir a chatice, para combatermos aqueles que repetem sempre o mesmo assunto e nunca mudam de opinião. Mas não estou tão seguro que, ao limitarmos os tempos de exposição aos famigerados 20 minutos (nossa nova unidade de inteligência, como ironizava André Green), estejamos fazendo apenas isto.

Ao reduzirmos o tempo de manifestação na maioria de nossos Congressos (e o espaço nas revistas a cerca de 10.000 palavras, diante das 16.000 vigentes dez anos atrás) criamos um ambiente muito mais convidativo para concordarmos com um autor ou com idéias, do que para criticar, discordar, e montar um argumento para expor a inconsistência de uma teoria, algo impossível num intervalo restrito de tempo. Concordar exige menos espaço e menos tempo do que discordar de forma rigorosa. É mais fácil concordar em poucas páginas com a imbecilizante teoria criacionista, hoje disfarçada sob o convidativo nome de desenho inteligente, do que destruí-la com argumentos científicos a favor do evolucionismo em dez páginas. Tenho a impressão de que estamos adotando, sem sabê-lo, um modelo conformista que nos convida a apagar as diferenças, que mata a controvérsia e cria espaço para a construção de um curioso paradoxo: a concordância se dá em torno da ideia de que somos pluralistas, de que isto é bom (e num certo nível não discutido essa opinião), e não, como deveria ser, em torno da natureza desse pluralismo.

De forma muito breve exporei uma tese adotada por uma de nossas grandes historiadoras - Lilia Moritz Schwarz







- sobre a oposição público-privado na América Latina. Creio que hoje essa questão tende a ser mundial, e a adaptarei à comunidade psicanalítica à guisa de convite para reflexão. Devido a uma concepção débil de Estado e das Instituições públicas, na América Latina o “público” não se opõe ao “privado”, no sentido tradicional do termo. Nesse contexto, a esfera do privado passa a refletir o universo da família extensa, e não do indivíduo identificado à sua originalidade. Neste sentido, ao defendermos nosso pluralismo como positivo podemos, na verdade, estar simplesmente protegendo, em nossa comunidade psicanalítica, nossas grandes famílias psicanalíticas e abstenho-nos de questioná-las sobre sua originalidade.

Formar um analista hoje é muito mais difícil do que em qualquer outra época. De tal forma somos bombardeados pela realidade concreta, pela fragmentação da comunicação, por demandas por eficiência, para produzirmos algo no mais breve espaço de tempo, que é muito difícil não ficar anestesiado e resistir à submissão a uma forma sutil de pensamento concreto. E, pensamento concreto atrai pensamento concreto, e com isso perdemos uma das mais preciosas conquistas subjetivas, fruto da elaboração da situação edipiana, ou seja, nossa capacidade de mantermos concomitantemente múltiplas perspectivas.

Em função do desenvolvimento da teoria da clínica analítica, passamos a dar imensa importância à contratransferência e a seu desenvolvimento na forma de revêrie. É preciso muita sen-

sibilidade para aprender a diferenciar uma simples fantasia, de uma autêntica revêrie. A escuta analítica demanda um estado de espírito de disponibilidade. Estar disponível não é uma atitude simples, não basta que não façamos nada. É um estado de espírito a ser cultivado, desenvolvido, fruto de amadurecimento emocional da sensibilidade; requer curiosidade, generosidade, imaginação e sobretudo que sejamos capazes de reprimir nossa tendência de adotar nossos modos habituais de escuta e de pensar. Disponibilidade é um estado de espírito ativo que nos leva ao deslocamento do senso comum.

Aproveito estas páginas para dizer algo que requer ousadia, amor à psicanálise, profundo respeito por nossas instituições, talvez só possível após certa idade, quando já não mais nos sentimos ameaçados pelo que possam pensar de nós, já tendo construído uma obra pela qual seremos julgados. Nos últimos anos de supervisões individuais e em seminários clínicos, nas leituras de relatórios, foram raras as vezes que ouvi uma interpretação voltada para a compreensão do inconsciente e propiciadora da criação de transformações, sustentadas na ampliação do campo do pensamento. Liberdade de pensar não depende apenas do levantamento de repressões (internas ou externas), mas sobretudo da disponibilidade de condições para o desenvolvimento do pensamento simbólico. Não estamos atrás de um divã para ensinar nossos pacientes quais comportamentos devem adotar em situações de crise, nem para provê-los com o amor

que não tiveram de parte de seus objetos originais, nem para contarmos a ele como ele é, por mais sofisticada que seja nossa percepção.

Acredito que ao falar do analista ameaçado de desconstrução eu esteja refletindo sobre uma série de pressões culturais para modificarmos nossas noções básicas sobre o que é analítico, e reflete a preocupação ou até mesmo um sentimento de acuidamento que toma conta dos analistas frente a pressões culturais e perplexidades provenientes tanto do interior do próprio campo analítico, como de fora, da própria cultura contemporânea.

Internamente, o analista se vê face às limitações das teorias que dispõe e que não são conceitualmente suficientes para explicar nossa clínica.

Talvez se nos sentíssemos menos ameaçados, poderíamos dizer que estamos simplesmente diante de mais uma manifestação do que Morin e Le Moigne chamam de pressão para inteligência da complexidade.

A pressão proveniente de um modelo medicalizado das emoções convida o analista a competir com os novos medicamentos psiquiátricos, e a procurar oferecer o mesmo tipo de alívio sintomático nos mesmos prazos, e dessa maneira ele é levado a alterar os objetivos da chamada “cura” analítica.

Assim, as pressões culturais muito evidentes na mídia não se limitam a convidar a psicanálise a alterar seus objetivos, mas oferecem também um modelo de como o analista deveria trabalhar clinicamente. Muitos fenômenos

que encarávamos como sintomas de estruturas mentais mais amplas passaram a serem consideradas doenças em si mesmas, e portanto passíveis de serem tratadas exclusivamente com substâncias químicas. Nessa perspectiva, as emoções deixam de serem núcleos de significado simbólico organizadoras das estruturas mentais. No plano medicalizado somos convidados a encará-las como a própria patologia. Isto ocorreu por exemplo com a depressão, pânico, mania, hiperatividade, distúrbios da alimentação etc.

Os novos medicamentos para depressão, ansiedade, impotência, dificuldade de concentrar a atenção, que são por sinais muito úteis para diminuir o sofrimento das pessoas, nos confrontam com a possibilidade de uma clínica psicanalítica eventualmente composta por pacientes “sem-sintomas”. Esta percepção coloca os psicanalistas na defensiva, assustados com a possibilidade de perda de pacientes e consequentemente com a perda de status econômico e social.

Vemo-nos frente a um paradoxo: na medida em que o instrumento psicanalítico se tornou mais eficaz, também nos tornamos mais conscientes de suas limitações, das dificuldades apresentadas por certas organizações psíquicas muito resistentes à mudança, e consequentemente as análises também se tornaram mais longas. Este fato nos coloca em choque frontal com a presente cultura de resultados rápidos e consumo desenfreado. O contexto cultural taxa de desonestos os tratamentos prolongados e com muitas sessões por semana.

Qual será o efeito dessa propaganda sobre o analista, sobre a constituição de sua contratransferência?

Gostaria, neste ponto, de propor um conceito especulativo. Será que poderíamos falar de contratransferência-pré-formada, um conceito até aqui nunca utilizado na literatura, para nos referir

a uma organização defensiva, patológica, constituída como uma formação inconsciente em resposta às pressões desafiadoras às quais a psicanálise se encontra submetida, e que poderia tomar conta da mente do analista previamente ao encontro, e influir sobre suas convicções a respeito da instalação da situação analítica?

Sugerimos considerar a contratransferência pré-formada como constituída por todas as crenças culturalmente infundidas na mente do analista sobre o setting analítico e pelas fantasias que estas possam gerar (no analista) sobre a noção do que é patológico, assim como sobre como o paciente viverá o processo analítico. Este conceito provisório serve para pensarmos o modo como um clima cultural, que exerce pressões sobre o ego do analista que está sujeito à influência das formações ideológicas nele instaladas, pode interferir em sua atuação na sessão, borrando as fronteiras do que é ou não patológico.

Penso que devemos nos perguntar quais fatores, fruto das pressões socio-culturais, podem perturbar o exercício da função psicanalítica, pois eles podem facilmente interagir com as estruturas defensivas individuais do próprio analista. Nossa hipótese será: a contratransferência pré-formada está atuando como uma formação ideológica no psiquismo do analista, embora este não a perceba como tal.

Neste contexto, os próprios psicanalistas se sentem acudados na sessão e muitos perdem parte de sua confiança em seu instrumento de trabalho. Cria-se, desta forma, dentro da sessão e fora dela uma prontidão para se fazer concessões em relação ao setting, contribuindo para manter a dor afastada e um equilíbrio psíquico precário nos dois protagonistas.

A contratransferência pré-formada não é detectada como tal, pois é disfarçada por uma atitude de ousadia, como a de alguém liderando uma luta

revolucionária pelo progresso, inspirada pelo ideal romântico de embate contra o pensamento engessado. Estes fatores são próprios ao que estamos denominando contratransferência pré-formada, isto é, um estado de espírito pré-disposto a fazer concessões aos pacientes em relação ao método analítico. Este estado de espírito evoca falta de convicção no instrumento psicanalítico e nos ameaça com uma diluição que pode ser fatal para nosso método. O instrumento desafia!

A psicanálise insere-se numa cultura profundamente influenciada por ela, mas que hoje a desafia de maneira muito diferente daquela dos primeiros tempos. O mundo que a cerca, hoje, é infinitamente mais complexo e mais globalizado do que no século passado. A quantidade de conhecimento disponível sobre o funcionamento mental humano, proveniente de muitas áreas, é cada vez maior e mais difícil de ser conhecido em sua totalidade. Nosso grande desafio é o de continuar a desenvolver uma visão teórica e clínica sobre o ser humano que possa ajudá-lo em seu desenvolvimento, sem ceder às pressões para diluir-se numa prática psicoterapêutica mais de acordo com as demandas do mercado. Para tanto, temos que dar conta da complexidade do funcionamento emocional humano sem nos paralisarmos ou nos simplificarmos.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)



\*International Psychoanalytical Association  
(Associação Internacional de Psicanálise)

Agradeço imensamente a FEBRAPSI Notícias pelo convite para escrever sobre o trabalho como Representante no Board da IPA.

Em primeiro lugar, gostaria de dividir com os colegas brasileiros a satisfação de trabalhar com temas e colegas tão interessantes das três regiões.

Atualmente a IPA está muito envolvida, como vocês leram no relato de Ruggero Levy, (no. 47) com temas como: envelhecimento, revisão dos diversos comitês e debates sobre as pesquisas em curso. Havia uma superposição de assuntos entre vários comitês e esta revisão tem permitido que se possa agilizar, torná-los mais efetivos e voltados para o interesse da membresia. Encontro-me envolvido nessa revisão dos comitês, juntamente com colegas de outras regiões. Em relação aos comitês ligados à pesquisa, tem havido a preocupação com a divulgação dos resultados e com o interesse em atender ao plano estratégico em vigor, isto é, com o poder adequar grande parte das pesquisas ao funcionamento estratégico elaborado conjuntamente entre a IPA e seus membros. Em breve os resultados serão divulgados na página web da IPA e todos poderão tomar conhecimento sobre o que os colegas estão estudando e pesquisando. Em janeiro de 2012 o Board decidiu suspender temporariamente os fundos para pesquisa; essa iniciativa a princípio causou forte reação dos colegas ligados a esse comitê. Com o andamento dos debates e a presença do chair do comitê na reunião de julho pp., decidiu-se retornar os fundos e solicitar relatórios frequentes sobre o andamento das pesquisas. Foi criado um comitê de ligação do Board

com o de pesquisa para acompanhar o trabalho das pesquisas e adequar o funcionamento desse comitê às exigências do Board.

O tema do envelhecimento, sobre o qual Ruggero Levy está trabalhando, tem sido divulgado e já se esboça um trabalho coordenado com o Comitê de Outreach para tentar divulgar a IPA entre o público jovem e universitário.

> Os representantes de nossa região têm funcionado em sintonia. Debates sobre temas relevantes têm ocorrido entre nós, assim como em conjunto com representantes das outras duas regiões. Aqui no Brasil, Ruggero e eu temos trabalhado em estreita parceria discutindo as questões e levando-as para debates em outros fóruns.

Como podem perceber, o trabalho de link entre os representantes e o Board tem agilizado o acesso às informações e às decisões, tal como aconteceu no debate sobre o Plano Estratégico, em que todas as Sociedades do mundo tomaram parte e influenciaram na redação do documento final. Esse processo iniciou-se no Congresso do México e continuou por meio de consultas aos presidentes das sociedades.

Todos os membros podem tomar conhecimento sobre as decisões do Board por meio dos relatórios e comunicações feitas entre os links e os Presidentes das Sociedades. Há uma solicitação para que os presidentes enviem essas comunicações aos membros de cada Sociedade brasileira. Isto permite maior aproximação entre a IPA e os membros.

Alguns países da África, como Tunísia, e outros da Ásia, como Líbano, têm solicitado a presença da IPA em suas regiões a fim de se criar novos grupos

ALTAMIRANDO M. ANDRADE JR.

de estudos. Na América Latina, o ILAP tem feito esse trabalho de forma competente e tem possibilitado que em países onde não havia a presença da IPA possa ser iniciada a formação psicanalítica e a constituição de grupos locais. O Brasil tem o privilégio de ver florescer diversos novos grupos, e todos estão tendo como sponsors colegas brasileiros. Todo esse trabalho com os novos grupos pelo mundo tem tornado o trabalho do International New Group (ING) bastante intenso para atender e acompanhar as solicitações. Esse fato mostra onde tem se dado o crescimento da IPA na atualidade e tem sido tema de debates entre diversos comitês como Outreach, ING, Board etc.

Outros temas estão sendo debatidos atualmente, como: questões financeiras, nova página web, melhorias nas comunicações, participação maior dos membros, etc.

Muitos colegas brasileiros estão atualmente trabalhando em diversos comitês da IPA e com isso a participação do Brasil tem aumentado consideravelmente no cenário internacional, desde a gestão de Cláudio Eizirik.



Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro [SBPRJ]



ADMAR HORN

**FEBRAPSI:** O XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise, que ocorrerá em setembro de 2013, terá lugar em Campo Grande. Qual a importância deste evento acontecer no MS? Você acredita que essa localização possa trazer aspectos particulares a este Encontro Nacional?

**Admar Horn:** Até há pouco tempo, os Congressos de Psicanálise ficavam praticamente restritos ao eixo Rio - São Paulo. Há alguns anos a FEBRAPSI vem investindo na ideia de levar a psicanálise às regiões do país onde o volume de discussões em torno desta prática não costuma ser tão evidente. No caso deste Congresso, as belezas naturais do Mato Grosso do Sul são um atrativo importante, pois a possibilidade de se fazer um giro pelo Pantanal e Bonito deve ser considerada pelos participantes. O aspecto ecológico do próprio Centro de Convenções onde ocorrerá o Congresso também chama a atenção, pois ele fica no meio de um parque.

**FEBRAPSI:** Como surgiu a ideia do tema para o Congresso: “Ser Contemporâneo: Medo e Paixão”? Por que vocês elegeram o medo e a paixão como as dimensões humanas que merecem reflexão e debate neste Congresso?

**Admar Horn:** O interesse pelo tema surgiu em uma reunião realizada em São Paulo, ano passado, em que estiveram presentes os diretores dos Institutos e os diretores científicos de todas as nossas federadas. O tema da contemporaneidade, do ser contemporâneo, ganhou voz a partir das ideias do filósofo italiano Giorgio Agamben. Esse autor vem sendo bastante estudado por alguns colegas psicanalistas interessados em entender melhor o que ele nos diz: “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é justamente aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a

pena nas trevas do presente”.

A segunda parte do tema escolhido tem relação com os cem anos de “Totem e Tabu”, comemorados no próximo ano, e com todas as releituras feitas desta obra magistral ao longo deste período. Resolvemos privilegiar o medo e a paixão como as dimensões humanas que serão objeto de reflexão neste Congresso. Acreditamos que esse tema suscite nos colegas um amplo interesse para participação nas várias possibilidades de painéis, cursos, temas livres, debates, enfim várias modalidades de encontro entre os presentes.

**FEBRAPSI:** Faz sentido, na perspectiva de contemporaneidade proposta, pensar que o medo traria alguma relação com a obscuridade, com o negativo? E a paixão, como poderia ser pensada a partir deste referencial?

**Admar Horn:** O medo seria uma das formas possíveis de se lidar com a obscuridade, lembrando que a obscuridade é inerente a toda experiência contemporânea, tal como entendida por Agamben; talvez seja a face propriamente escura de um determinado tempo vivido. E a paixão seria a face de ligação, de construção, a face clara da experiência.

**FEBRAPSI:** Pensando em um autor fundamental da psicanálise contemporânea como André Green, você diria que a noção de negatividade acrescenta aspectos importantes a esse debate, dialogando com o conceito de obscuridade de Agamben?

**Admar Horn:** Não apenas a noção de negatividade, mas o conjunto de toda a obra teórica de Green está muito presente no pensamento psicanalítico atual e poderá, desse modo, ser homenageado neste Congresso em função de seu recente falecimento. Estados limites, complexo da mãe morta, terceiridade, destrutividade, desobjetualização, narcisismo de vida e de morte, são conceitos que já fazem parte da psicanálise contemporânea. E com relação aos te-

mas do Congresso, o medo estaria para a desobjetualização assim como a paixão estaria para a objetualização, na nomenclatura de Green. Quanto ao conceito de obscuridade de Agamben, ele comporta justamente esse olhar para o negativo, para o que não está visível, que se apresenta pela não presença. Poderíamos também pensar em Edgar Morin, autor que acrescenta ideias sintônicas a este debate. Todos esses autores contemporâneos, independentemente da área do conhecimento, estão preocupados com a experiência contemporânea e, portanto, há confluência na área de estudo e em suas ideias. É por isso que um dos nossos objetivos no Congresso é estabelecer o diálogo entre a psicanálise e outras áreas do conhecimento, especialmente a filosofia. Daremos início às trocas no Congresso de Campo Grande com a presença de um filósofo afinado com as ideias de Giorgio Agamben (ainda a ser definido) e de nossa colega Marília Aisenstein, ex-presidente da Sociedade de Psicanálise de Paris, de origem grega e com uma vasta e profunda formação em filosofia e psicanálise. Também o diálogo entre psicanálise e antropologia será incentivado. Faremos uma atividade no museu do índio com a presença de colegas antropólogos, dando ênfase a esta interface diretamente conectada aos temas de Totem e Tabu.

**FEBRAPSI:** Você tem observado mudanças na prática psicanalítica a partir das demandas contemporâneas, incluindo os aspectos acima comentados? Se sim, quais?

**Admar Horn:** Tenho observado mudanças importantes: acho que estamos muito mais atentos a noções tais como construção peculiar do setting (a cada analista), funcionamento mental, estudo teórico das várias escolas de psicanálise, possibilitando um atendimento “artesanal” aos pacientes que nos procuram. Isso se relaciona diretamente ao que vínhamos discutindo, porque os



pacientes que nos procuram atualmente vêm demandando uma adaptação singular e artesanal do analista em sua escuta, elaboração e principalmente simbolização dos conteúdos não-simbolizados. No nível institucional, acho que a prática do psicodrama psicanalítico, praticado na França há mais de 50 anos, é uma das ferramentas mais significativas criadas para atender às demandas contemporâneas. Trata-se de um psicodrama cujas origens são "morenianas" e que foi modificado por alguns psicanalistas franceses como René Diatkine, Serge Lebovici, Evelyn Kerstemberg e Didier Anzieu. É uma variante bastante interessante da "cura tipo", com um único paciente e vários terapeutas (cinco a seis), sendo que um dos terapeutas é o diretor do jogo e não representa, apenas dirige a dramatização. A prática desta técnica é algo que permite maior maleabilidade com os pacientes que têm nos procurado, diferentemente da técnica clássica com os pacientes ditos "neuróticos clássicos". Embora presente na psicanálise francesa, acho que para nós é uma ferramenta nova, uma das poucas coisas novas na psicanálise contemporânea. A indicação dessa técnica deve ser precisa; não são todos os pacientes, em todos os momentos da análise, que se beneficiam dessa técnica. Ela permite atender principalmente casos limites e psicose, onde há baixa capacidade de simbolização. É também possível indicá-la a um paciente cuja análise estancou, para fazer uma sessão que eles chamam de "sessão de relance". É muito interessante.

**FEBRAPSÍ:** O último Congresso teve a participação de muitos Membros e de muitas das Federadas. Qual a expectativa para o próximo Congresso?

**Admar Horn:** Estamos aguardando a presença de cerca de mil congressistas, entre colegas psicanalistas e estudantes de áreas afins da psicanálise, que esperamos vir em grande número.

ro. Gostaria também de salientar que Mato Grosso do Sul faz fronteira com a Bolívia e Paraguai, e provavelmente receberemos no Congresso alunos de psicologia desses dois países fronteiriços. Outra presença significativa esperada é a de colegas de países africanos de língua portuguesa, a partir do intercâmbio que já temos feito através da CPLP (Comissão dos países de Língua Portuguesa). Creio que a presença desses colegas neste Congresso, em particular, pode ser muito rica, já que eles têm a experiência das crianças-soldado e das diferentes formas de cura simbólica efetuadas pelos curandeiros. Ou seja, o diálogo com Totem e Tabu é natural: a ritualização, a possibilidade de reinserir o que foi obturado na rede simbólica etc.

**FEBRAPSÍ:** Em linhas gerais, como está organizado o Congresso?

**Admar Horn:** O Congresso será organizado de modo a que o maior número de colegas possam se beneficiar destas trocas fantásticas que ocorrem quando nos reunimos para discutir não apenas a teoria, mas também nossas respectivas práticas clínicas num ambiente onde esperamos haver confraternidade. Gostaríamos que houvesse chance de experiências de troca íntimas e férteis, com algumas grandes mesas temáticas e seus desdobramentos em discussões menores. Procuraremos evitar pulverizar demais os eventos concomitantes, dentro das margens de possibilidade real de organização de um Congresso com mil participantes.

Antes do início do Congresso, haverá o Pré-Congresso didático, sob a coordenação de Claudio Eizirik, com o tema: A Formação do Analista: entre Medo e Paixão. Enquanto isso, eventos preparatórios para o Congresso já ocorreram e continuarão a ocorrer. Tivemos um primeiro em Campo Grande, onde o tema foi Medo e Paixão, e teremos agora no final do mês de novembro um evento em Porto Alegre cujo tema será: Construção do ser contemporâneo e

níveis de simbolização. As Sociedades que tiverem interesse em organizar eventos e discussões preparatórias são muito bem-vindas. A diretoria da Febrapsí se dispõe a conduzir, conjuntamente, tais eventos.

Estamos trabalhando no sentido de oferecer o maior número de ferramentas computadorizadas para facilitar as inscrições e a organização do Congresso, visando estimular a vinda do maior número possível de colegas. Tudo indica que haverá vôo direto não só de São Paulo, mas também do Rio de Janeiro para Campo Grande a partir de janeiro, pela companhia Azul, o que muito nos alegrou.

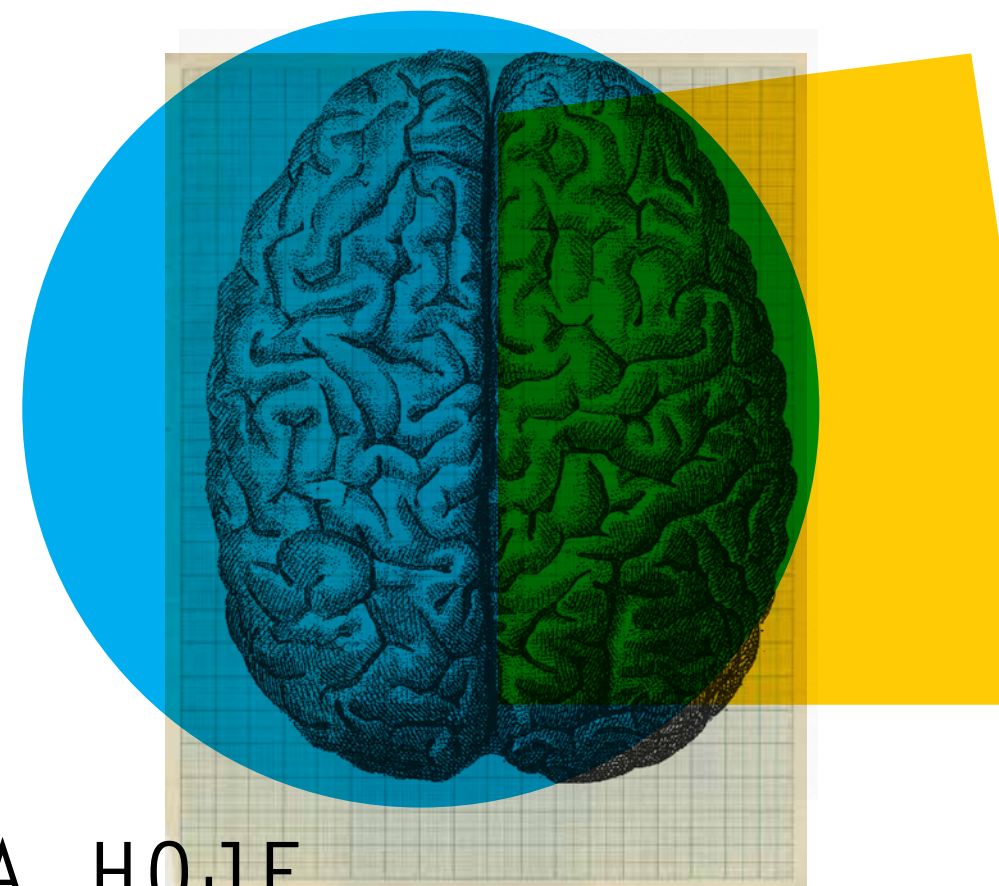
**FEBRAPSÍ:** Os Congressos Brasileiros costumam oferecer prêmios a determinados trabalhos. Você poderia nos esclarecer em que categorias os colegas podem se inscrever?

**Admar Horn:** Haverá prêmios para as várias categorias de membros, que serão avaliados por colegas dotados de grande experiência clínica e teórica. A Federação Brasileira de Psicanálise vai outorgar prêmios a trabalhos que concorrerem nas seguintes categorias: Prêmio "Durval Marcondes": para Analistas Didatas, Prêmio "Fabio Leite Lobo": para Membros Efetivos, Prêmio "Mario Martins": para Membros Associados, Prêmio "João Bosco Calábria Oliveira": para Candidatos.

**FEBRAPSÍ:** Muito obrigado pela entrevista. Bom trabalho até o Congresso!

**Admar Horn:** Obrigado pela oportunidade de divulgar um evento preparado com tanto afincamento e tão importante para as nossas federadas. Espero vocês em Campo Grande!

Sociedade Brasileira de Psicanálise  
do Rio de Janeiro (SBPRJ)



## A VIOLÊNCIA HOJE

PROF. DR. EMMANUEL CARNEIRO LEÃO\*

Ontem a violência se restringia sobretudo a atos violentos praticados por indivíduos. Hoje, não. A violência foi se transformando num estado generalizado. Não há inocentes. Todos são culpados.

Nesse sentido é que desejaríamos propor algumas reflexões sobre o momento atual - um tanto sombrio - pelo qual passamos em nossas relações biográficas e históricas. Momento de crise mundial com perda de cadência e com decadência humana.

Vivemos as conseqüências de um mundo de conquista e dominação. A ligação entre progresso e escravidão é tão radical e sutil que otimismo e pessimismo se tornaram brincadeira de criança. Quem percebe o abismo para onde estamos rolando, treme a cada passo que dá, para frente ou para trás. Estamos dentro de um paradoxo his-

tórico que nos entorpece e estupidifica. Uma lógica maligna arranca-nos o tapete debaixo dos pés, dia após dia. As sociedades são assaltadas insensivelmente por paradigmas de perdição. Os princípios da liberdade e autonomia, os ideais de justiça e dignidade, os objetivos democráticos de ação e convivência vão sendo corroídos no seu nascedouro. Vivemos em cima de um abismo que nos fascina o espírito para, aos poucos, nos arrastar para o fundo. Uma espécie de esquizofrenia histórica cinde e divide ao meio todo nosso ser, desde o sentido das coisas e pessoas até o sentido das palavras e dos discursos, transformados, cada vez mais, em códigos de barra.

Que paradoxo é esse?

De um lado, a clareza teórica da metafísica da subjetividade. Estamos convencidos do valor insubstituível dos

direitos humanos. Acreditamos com legitimidade e limpidez na liberdade e na dignidade dos homens. Defendemos os ideais de justiça na convivência entre indivíduos, grupos e nações. Estamos certos da necessidade de lutar pelo bem de todos. Não achamos que com o novo milênio tenhamos entrado em fim da História, mas em fim das tiranias e da dominação, em todos os níveis, que tanto atormentaram o século XX. Cremos até que a época das ditaduras e dos totalitarismos tenha passado. Apesar de todo fracasso e de muita desgraça, um otimismo incorrigível em princípio fareja sempre uma nova "Aurora dos dedos de rosa", como cantava Homero nos albores da História Ocidental. Queremos uma nova luz, um novo Iluminismo, mas agora para toda a humanidade. Os multimeios, as criações literárias, as produções ar-

tísticas, a publicidade e a propaganda, refletem a cada instante essa certeza e vivem dessa esperança. Já não admitimos nenhuma soberania, seja de indivíduos, grupos ou instituições, social ou privada, que inclua opressão e violência. Os direitos do homem perfazem o último horizonte de nossas aspirações de futuro. Que este novo milênio sepulte para sempre os horrores e furores do passado. Que a pessoa humana emancipada de qualquer tação, e serena em sua autonomia seja hoje, amanhã e sempre a medida de todas as coisas. Por isso, nós nos revoltamos quando um só dos direitos humanos é questionado de qualquer maneira.

Uma preocupação contra o crime percorre todos os países. Aguda é a consciência do que vem a ser crime contra a humanidade. E o que é isso, crime contra a humanidade? É todo crime, pois todo crime acrescenta sempre à violação das pessoas, a destruição do humano. Todo crime agrava o dano praticado aos indivíduos com mutilação de sentido nas relações humanas. Instituições nacionais e internacionais velam pela proteção e defesa dos direitos. Num planeta cada vez mais globalizado, não se considera legítima nenhuma soberania que acoberte ou proteja, sob qualquer pretexto, qualquer tipo de crime. As figuras tradicionais da geopolítica e da diplomacia discriminatórias são contestadas de público e repudiadas pela consciência universal. Um dos maiores juristas franceses proclama em alto e bom som: "A conquista dos direitos do homem comporta qualquer coisa de absoluto. É indispensável estabelecer limites intransponíveis, quer se chamem direitos intangíveis ou crimes imprescritíveis".

Assim, direitos humanos de um lado, e crimes contra a humanidade de outro, se tornaram, a partir da segunda metade do século XX, os dois pólos da consciência civilizada, impondo ao

novo milênio um parâmetro de sentido ético inviolável. É o fundamento de todas as reivindicações contemporâneas.

Infelizmente, este é apenas o lado luminoso que, em teoria, se reflete, no duplo sentido de espelhar e meditar, toda vez que entra em debate o ideal ético de verdade e moralidade. Escamoteado e sub-reptício, há o outro lado da moeda, o lado sombrio do que hoje nos acontece. Não apenas inquietante, como tétrico e ameaçador, embora encoberto e dissimulado.

Às nossas costas, por detrás de toda pregação da liberdade e dignidade humanas, uma questão essencial vem murmurada à boca pequena: o que faz de alguém um ser humano? O que significa humanidade? Será que acreditamos realmente e sempre no humano dos homens? Esta realidade de humano e humanidade demarca mesmo, na prática dos comportamentos, um limite intransponível? É possível revisar, em qualquer instância, o humano dos homens? Será a dignidade humana algo evolutivo, inviolável ontem, violável hoje?

A coisa mais inacreditável é que a violação prática do humano e o desrespeito pelo ser humano nos julgamentos, nos comportamentos e nas ações não provêm, hoje, de ditaduras bárbaras, nem são cometidos por déspotas esclarecidos ou criminosos inveterados. São praticados pelo progresso da ciência e operados pelos avanços da técnica. Articulam-se até com as promessas das pesquisas e experimentos mais avançados. É necessário pôr o homem em questão para melhor tratá-lo, para curar doenças incuráveis. Da biologia à neurociência, da genética às pesquisas cognitivas, da automação à microeletrônica, todo o esforço da inteligência e do conhecimento se empenha, na prática dos experimentos, em desfazer convicções que por milênios tinham constituído o apanágio do respeito pelo ser

humano. Vivemos a contradição prática de um paradoxo inevitável, nem sempre reconhecido. Na maioria das vezes apresenta-se dissimulado atrás do nevoeiro de palavras solenes e promessas abrangentes cujo real sentido fica quase sempre escamoteado.

Quase todas as novas conquistas das pesquisas biológicas trazem desafios éticos e questionamentos humanos que transcendem o nível técnico-científico: procriação assistida com perda de embriões, manipulações genéticas, produção de células tronco, clonagem, transplante de órgãos, próteses de toda sorte. Até bem pouco, não era possível transplantar o cérebro. Hoje não, a clonagem é do espírito. Uma mesma questão atravessa todas essas conquistas, tão radical e enorme que diante dela tudo treme: onde é que se devem colocar os limites do humano? O que distingue o homem do resto da natureza em termos de singularidade no modo de ser e realizar-se? Onde se poderá arrimar e resguardar o específico da espécie humana, quando pesquisas de ponta colaboram para dissolver toda diversidade biogenética entre os seres vivos?

A genética leva cada vez mais para a indiferenciação entre homem e animal. As ciências cognitivas sugerem a hipótese de o cérebro humano ser um processador e a inteligência artificial mostra tal proximidade entre homem e máquina que se torna praticamente impossível distingui-los. A física quântica postula uma continuidade de princípio entre matéria, macromolécula e espírito humano. Ficamos de mãos vazias não somente para definir, como sobretudo para lidar como homem, com o homem.

O filósofo francês Paul Ricoeur, constatou: "O fato novo é que o homem se tornou perigoso para si mesmo, pondo em risco a própria vida que o carrega, e a natureza em cujo abrigo ele recortava outrora o recinto e reti-

rava os recursos de seu viver". As perspectivas que se descortinam para este novo milênio não nos trazem apenas o desafio de uma organização mais justa da sociedade, mas sobretudo põem em jogo o primado do humano e o princípio da humanidade nos homens. Nos últimos decênios do segundo milênio um limite foi transposto, uma fronteira foi ultrapassada: o limite do homem para o homem, a fronteira do humano para o homem. É a previsão que logo após a segunda guerra, fizera Gabriel Marcel já no próprio título do famoso livro, publicado em 1952: "Les hommes contre l'humain". Michel Foucault, lá pelos idos de mil novecentos e sessenta, nos chama a atenção para esta passagem de limites, em sua conhecida "Histoire de la sexualité. La volonté de savoir" (Paris, Gallimard 1977, p. 26): "O que poderíamos chamar à soleira da modernidade biológica de uma sociedade, situa-se hoje no momento que a espécie humana entra, como desafio, em suas próprias estratégias políticas. Durante milênios o homem ficou sendo o que era para os gregos, um animal político. Hoje, não. Hoje o homem deixou de ser apenas um animal político para vir a ser um outro animal, a saber, o animal em cuja política sua própria vida de ser autônomo e livre está sendo cada vez mais questionada".

Sentimos um calafrio ao percebermos que debaixo de nossos pés abre-se um fenda: como nos é possível promo-

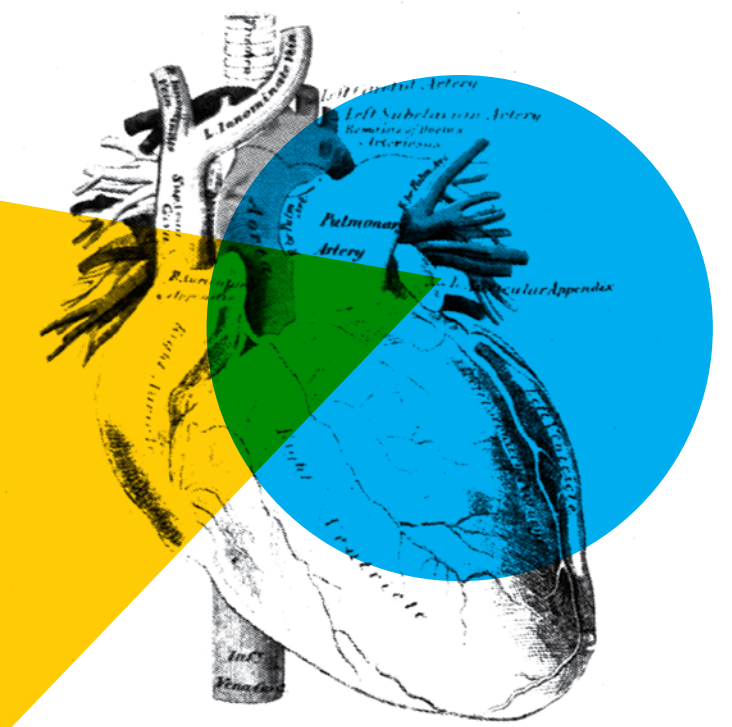
ver neste novo milênio os direitos do homem, se a própria compreensão de homem é cada vez mais questionada e posta à prova? Como esconjurar os crimes contra a humanidade se a própria definição de humanidade se torna cada vez mais problemática? Diante de tanto paradoxo, toda pregação humanista soa como a música do Exército da Salvação tocada nas esquinas de nossas cidades. É um novo Exército de Brancaneone atravessando os campos e percorrendo as ruas.

Viático é farnel, conjunto das provisões que se leva para viagem. Com os desafios dessa nossa viagem pelo novo milênio, a vida nos entrega para ser e não ser num contínuo via a ser um estranho e misterioso viático, que a milenar sabedoria chinesa nos conta numa estória imemorial: No tempo de mando, desmando e comando da China Imperial, um Imperador Amarelo não possuía a pérola cor da noite. Mandou a ciência pesquisar. Mas a ciência não a encontrou. O Imperador mandou a técnica inventar. Mas a técnica também não a encontrou. O Imperador mandou a análise calcular. Mas a análise não a encontrou. O Imperador mandou a filosofia investigar. Mas, sem sucesso, também a filosofia não a encontrou. O Imperador mandou a arte criar. Mas outro fracasso, a arte também não a achou.

O Imperador achou tudo muito estranho e ficou ainda mais abismado

quando, com o tempo, descobriu que o 'nada' que não fora enviado, que não pesquisa, não inventa, não calcula, não investiga, não cria nada, é a pérola cor da noite. Desde então o Imperador Amarelo deixou de somente mandar, de somente desmandar, de somente comandar os chineses, para poder no e com o nada ser também a pérola cor da noite.

O desafio que nos chega hoje com a violência transformada em estado violento é ser e não ser a pérola cor da noite. É sempre o nada que nos traz as alvíssaras de sermos e não sermos, a unidade de um equilíbrio instável. Por isso é radical a situação em que nos descobrimos inseridos neste limiar de milênio. Trata-se de uma radicalidade tão profunda que um abismo se abre diante de nós. Se o letrado no frontispício de muitos templos Zen nos pede para olhar bem debaixo dos pés, hoje não temos debaixo dos pés um caminho a seguir, temos um abismo a cair. Nosso desafio não é ter de construir um novo humanismo, pois já nem sabemos mais a diferença entre humano e não humano. Também não está em jogo apenas uma reestruturação mais justa e humana da sociedade. Também não se trata apenas do cuidado ecológico, visando a salvar a sobrevivência da vida na terra. Nem é somente a perda de cadência, a decadência de todos os costumes e a inversão dos valores de que falava Nietzsche no final do século





dezenove. Tudo isso não passa de desdobramentos e decorrências.

A modernidade é uma determinação bem precisa do real e uma decisão bem definida da vida humana. O vigor histórico da modernidade está na descoberta de que tudo resulta do trabalho de uma racionalidade instrumental e de que o trabalho racional produz tudo, o real e o irreal, o bem e o mal, a verdade e a não verdade. É por isso que para ser moderna mesmo, a modernidade teve de transformar-se numa avalanche histórica que atropela tudo de acordo consigo mesma, com seus padrões e paradigmas. Essa expansão planetária é a forma mais sutil de que se reveste a ligação entre modernidade e agressividade num estado de violência generalizado.

Para Freud “O inanimado era antes do animado” e “A morte é a meta de toda vida”. Em sua dinâmica de expansão, a modernidade vai mais além. Supondo que o universo seja um sistema fechado de energia, lê toda a economia do inconsciente como uma termodinâmica. Considerando a termodinâmica uma racionalidade instrumental, chega a um entendimento novo da pulsão de morte e de seu entrelaçamento com a vida. Assim, a tese de Freud “A morte é a meta de toda vida”, não é para ser tomada apenas em sentido estrito, ontogenético: todo ser vivo há de morrer, mas em sentido amplo, filogenético: a vida, como todo, vai desaparecer do universo e não numa catástrofe cósmica, mas numa destruição histórica. O homem tem na e para a vida um destino entrópico. O grande matador da vida é o cérebro humano. Como se poderá saber deste destino? Todo destino não inclui uma condição porvindoura?

Em todas as épocas a violência tem sido pessoal e instrumental, carnal e mental, pública e privada, física e simbólica, cultural e institucional. Até a idade moderna, toda violência consistia em multiplicar atos violentos. A racionalidade moderna é que foi substi-

tuindo os atos violentos pelo estado de violência. Chegou-se ao cúmulo de se acabar com a diferença entre guerra e paz. As alternativas agora são de guerra ou guerra. No estado de violência vai-se cumprindo o destino entrópico do homem. Em 1931 Freud terminava o ensaio “O Mal-estar na Cultura” com palavras de advertência para as possibilidades de destruição total que na idade moderna o progresso da racionalidade instrumental tinha conferido à violência humana.

Para o pensamento radical, no entanto, a ligação entre modernidade e violência não é necessária. O estado de violência não é definitivo. O destino entrópico do homem não constitui uma fatalidade inexorável. Denuncia apenas uma encaminhamento de fato. Como assim, se a suposição é a de que o universo seja um sistema fechado de energia? – É que não se trata de suposição necessária. É uma suposição de fato.

As coisas se realizam como coisas, por serem o que são. O homem não. O homem se realiza, como homem, por desprender-se de tudo, por descolar-se até de si mesmo. É-lhe impossível coincidir totalmente com algo dado, seja natural ou histórico. Por isso o problema da identidade é, no homem, um pseudo-problema. O homem não tem identidade, o homem conquista identificações. Seus perfis são percursos e peripécias de suas identificações. Arrancando-se dos códigos de qualquer dever ser, o homem só existe na medida que ultrapassa toda insistência, que supera qualquer imanência e transcende toda instalação. Em tudo que é e tem, o homem, como homem, já está além ou aquém de qualquer padrão, já deixou para trás todo paradigma.

Por força de sua liberdade transitiva, o homem é um ser descontente. Em suas realizações, não se contenta nem com o que é e não tem, nem com o que tem e não é. Um apelo incontentável atravessa e trabalha todo o movimento de suas identificações. Por conta desse

descontentamento essencial, o homem é levado a transformar para dentro e para fora tudo que recebeu e recebe ao nascer, crescer, amadurecer e morrer a cada instante. O fogo de Prometeu é o poder dessa libertação, o poder de substituir o real pela realização, no afã da realidade e de, assim, sentir-se sempre de maneira diferente daquela que lhe vai sendo concedida nas diversas situações biográficas e históricas. É nesse sentido que a ligação entre modernidade e violência não lhe traz uma fatalidade incontornável, mas a novidade de um desafio promissor, o desafio de um relacionamento sempre diferente com a vida e a morte na sua.

\*Doutor em Filosofia pela Universidade de Roma

Mestrado e doutorado pela Universidade de Freiburg (Alemanha)

Professor Emérito da UFRJ

Estudioso da obra de Heidegger.

Escreve sobre Filosofia, Ética, Verdade e Pensamento

## SER CONTEMPORÂNEO: MEDO E PAIXÃO

“Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho das trevas que provém de seu tempo”

Giorgio Agamben

DANIEL DELOUYA

Que na vivência do nosso tempo haja, como afirma o filósofo Agamben, algo inatual e intempestivo – um desacordo e uma não coincidência com o próprio tempo – contradiz o senso comum em que ser significa estar no tempo, em sintonia com o mesmo. Acordo e sintonia que os historiadores procuram seguir e descrever; no caso de Freud, eles o reportam apenas a seu tempo, cidadão do século XIX, embora toda sua descoberta consista em apontar o descentramento do ser, sua assimetria em relação a sua consciência, a seu tempo. Heterogeneidade e contradição no tempo é que torna o ser contemporâneo, isto é, no tempo e no seu contratempo. A invenção da psicanálise pelo trabalho analítico levou Freud, em seu célebre livro Totem e Tabu (1913), a encontrar um mito da geração desse ser. O assassinato do pai e a precipitação de seu efeito na história humana em forma de coordenadas do ser, propostas pelas fantasias das origens, encontraram variações na psicanálise moderna: algumas mais arcaicas, como no mito da era glacial de Freud (1915), e outras como no mito de Ferenczi, do retorno thalássico (1924), além de outros desdobramentos estruturantes, como a fantasia inconsciente de M. Klein, os sistemas protomentais de Bion com sua evolução na memória do futuro (de 1952 a 1976), e suas projeções na topografia corporal de Meltzer (1967 a 1990).

Entre o terror/ medo diante do fosso que se abre no tempo, e a paixão que

pretende suplantá-lo - negá-lo, elaborá-lo e, por fim, aceitá-lo - Freud descreve, no livro citado, a evolução dos modos de ser e seus sistemas de pensar. O primeiro e mais sistemático, o animismo, corresponde ao encapsulamento do homem no narcisismo primário, com suas estratégias mágicas e onipotentes de controle. O segundo, representa a concessão desse poder e dessa proteção aos deuses e aos pais, configurando o sistema religioso, e sua consequente diferença entre as gerações, instaurando o complexo e conflito de Édipo. O terceiro, alcança, no homem, a aceitação da castração, pós-assassinato do pai, que configura o estágio científico, em que há “conformação” com o descentramento, desconhecimento, luto e solidão para a instauração da linguagem e da comunicação, e a divisão dos bens entre os seres num mundo compartilhado.

Os colegas reconhecerão nesta descrição não somente as bases de suas teorias, mas também o entendimento do encaminhamento da cura, tanto na passagem e elaboração entre: as posições esquizoparanoide e depressiva, do universo kleiniano, especularização e a construção da falta em Lacan, a ilusão e a desilusão até o uso de objeto, no pensamento winnicottiano, ou a halucinação e a comunicação em Bion, entre outras dialéticas destes e outros autores.

A arte é outra dimensão do livro de 1913, em que Freud tenta demarcar sua função fundamental na criação da célula psíquica. Ele traça a origem da arte

nos interstícios da área intermediária entre os métodos animistas e os meios de lidar com a falta; entre os polos do narcisismo e a aceitação da castração. A arte seria esse modo, de um lado defensivo diante do terror pulsional e, ao mesmo tempo, constitutivo do psíquico cênico; transforma pulsão em representação por meio do que Freud aponta, no cerne do trabalho de sonho, como *darstellungbarkeit* – tornar em figura, ou tornar presente (Laplanche) como cena, evento psíquico.

Eis alguns fragmentos que espero estimulem os colegas a reconhecer a relevância de sua clínica e a reflexão sobre ela nos contextos do ser contemporâneo e nos eixos que Freud traçou para ele, há cem anos.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

## PASSAGENS E IDENTIFICAÇÃO

ALÍRIO TORRES DANTAS JR.

Uma Sociedade de psicanalistas se constitui, essencialmente, num conjunto de pessoas que se identifica com a psicanálise. As sociedades são instrumentos para a construção e a preservação desse laço de identificação que é estruturante de nossa prática.

A Sociedade Psicanalítica do Recife acredita que os ritos de passagem entre as categorias de membros devem estimular esta sua função e devem refletir, de algum modo, essa identificação. Isto delimita um campo específico desta prática, tornando-a reconhecível. A identidade de psicanalista nos define e ao nosso ofício.

Na SPR o "título" de Membro Associado é consequência do término da formação. Depois de aprovado, ele precisa buscar o reconhecimento da Sociedade através da aprovação por uma Assembléia Geral. Estatutariamente seria possível, mas muito improvável, que a Sociedade não oferecesse seu reconhecimento depois da aprovação pelo Instituto. Uma aprovação é um direito, enquanto o reconhecimento é uma conquista.

A passagem para Membro Titular pode ser pedida depois de um mínimo de 2 anos como Membro Associado, e da apresentação de no mínimo 2 traba-

lhos em reuniões científicas ou publicações da IPA, FEBRAPSI ou entidades filiadas. O currículo e os trabalhos precisam ser aprovados pelo Conselho Consultivo. Mas é uma Assembléia Geral que expressa o reconhecimento dessa identificação.

Nós não reconhecemos a qualificação de Analista Didata como "título", mas sim como "função". Esta qualificação pode ser concedida, por indicação da Comissão de Ensino, a Membros Titulares, depois de um mínimo de 2 anos e da apresentação de pelo menos 2 trabalhos de natureza clínica, nas mesmas condições já referidas.

No Simpósio de Linden Hall, se não me engano em 1988, membros da IPA indicaram quais os fundamentos dessas qualificações de uma forma que me parece compreensível. Um Membro Associado deve ser capaz de exercer seu ofício dentro dos limites estabelecidos pela teoria. De um Membro Titular espera-se que seja capaz de exercer sua prática dentro desses limites, mas com uma experiência que lhe permita fazer contribuições originais e reflexões teóricas mais complexas. A "Função Didática" supõe a vocação para transmitir e avaliar essa experiência.

Idealmente, as passagens entre as

qualificações refletiriam o reconhecimento dessa identidade, por seus pares. Não uma hierarquia ou carreira, mas um reflexo de nós mesmos visto no olhar do outro. Com frequência as instituições nos distanciam do idealizado. É uma pena, porque estas passagens poderiam espelhar esse vínculo de identificação e diminuir a ferida desestruturante trazida pelo exercício de nosso ofício.



Sociedade Psicanalítica do Recife (SPR)



## PASSAGEM DE MEMBRO ASSOCIADO PARA MEMBRO EFETIVO

JANE KEZEM

Partimos do princípio de que uma instituição psicanalítica constrói e estrutura a base de todo seu contingente profissional com seu Instituto de Formação. Abro esta questão para dizer que nesse universo, se não antes, todos iniciam seu contato com a psicanálise ao se candidatar a uma Formação Psicanalítica. Na SBPRJ, a própria inscrição - aberta apenas a médicos e psicólogos - aciona o primeiro processo de avaliação e seleção baseado nessa qualificação prévia. A esta primeira fase segue-se outra, no modelo de entrevistas, agrupadas em dois momentos: o que avalia o requerente de início, e o que o avalia depois de determinado período de análise pessoal. Aprovado, o candidato poderá ser admitido no Instituto de Ensino e Formação Psicanalítica dando início aos cursos teóricos e clínicos, sob contínua avaliação, e na condição de membro provisório, expressão que traduz sua condição transitória.

Sua participação nas atividades científicas e institucionais entrará no mérito de sua qualificação como psicanalista. Cumpridas as exigências para a qualificação, seu nome será encaminhado à Assembleia Geral e uma vez referendado ser-lhe-á outorgado o título de Membro Associado, uma importante etapa de sua inserção no núcleo societário.

Após dois anos, tempo que lhe permitirá consolidar as experiências teórico-clínicas adquiridas ao longo de sua formação, poderá concorrer à condição de Membro Efetivo. A participação em atividades científicas e nas diversas atividades da vida societária prestam um testemunho de seu interesse pela instituição e lhe acrescenta valor gregário. Deve apresentar currículo profissional de suas atividades como psicanalista e as intra-societárias. Deve também apresentar material teórico clínico detalhado e em profun-

didade perante membros credenciados para essa função. Considero indispensável que façam parte de um processo de atualização científica e profissional, participando de programas de educação continuada.



Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)



## eventos

VIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DELPHOS DE PSICANÁLISE  
CENTRO EUROPEU CULTURAL DE DELPHOS - TEMA: "O PAI"  
Local: Grécia | Data: de 21 a 24 de junho de 2013  
[www.psychanalysis.gr/delphi/default.htm](http://www.psychanalysis.gr/delphi/default.htm)

24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE FEDERAÇÃO  
BRASILEIRA DE PSICANÁLISE  
TEMA: "SER CONTEMPORÂNEO: MEDO E PAIXÃO"  
Local: Campo Grande - MS | Data: de 25 a 28 de setembro de 2013  
[www.febrapsi.org.br/congresso/](http://www.febrapsi.org.br/congresso/)

48º CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE ASSO-  
CIAÇÃO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE  
TEMA: "A EXPERIÊNCIA CLÍNICA E O DESENVOLVIMENTO DO  
CONHECIMENTO PSICANÁLITICO"  
Local: Praga - República Tcheca | Data: de 31 de julho a 3 de  
agosto de 2013  
[www.ipa.org.uk](http://www.ipa.org.uk)



# palavras da editora

NILDE PARADA FRANCH

Estamos nos aproximando do final do ano! Há os tempos de findar e os tempos de iniciar.....

Iniciamos, neste número, um novo eixo: **Passagens**; a intenção é criar um espaço para informação e interlocução entre analistas das federadas para refletirmos, por ora, sobre a passagem de Membro Associado a Membro Efetivo/Titular. O que distingue um do outro? O que a insituição psicanalítica espera de um e de outro? Jane Kezen (SBPRJ) e Alírio Dantas Jr (SPR) nos oferecem suas ideias a respeito.

O eixo **Inquietações Brasileiras** nos traz Emmanuel Carneiro Leão, filósofo de grande invergadura, com o impactante texto "A Violência, hoje". Destaco: "A violência foi se transformando num estado cada vez mais generalizado. Não há inocentes. Todos são culpados.....É um momento de crise mundial com oerda de cadência, com decadência humana".

E a **Construção do Analista**? Esse espaço foi ocupado por Elias Rocha Barros (SBPSP) com o texto: "A construção do analista ou O analista ameaçado de des-construção", reflexão instigante sobre 'as forças que atuam sobre nós, analistas, exercendo forte pressão para desafinarmos nosso instrumento psicanalítico'. É mais um ponto de vista que vem somar aos dois primeiros apresentados pelos colegas C.Eizirik e

Lenita Osório.

**Entrevista:** Aqui, Admar Horn (SBPRJ), Coordenador Científico da FEBRAPSI e organizador do XXIV Congresso Brasileiro, entrevistado por Patrícia Getlinger, da equipe editorial, esmiuça a ideia do SER CONTEMPORÂNEO, citando o filósofo italiano Giorgio Agamben: "Contemporâneo é aquele que mantém o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é aquele sabe ver essa obscuridade, aquele que sabe escrever mergulhando a pena nas trevas da obscuridade". É um bom início para 'mergulharmos' no tema e aprofundarmos nossos conhecimentos sobre ele.

Complementando, Daniel Delouya (SBPSP), secretário do coordenador científico, acrescenta: "Heterogeneidade e contradição no tempo é o que torna o ser contemporâneo, isto é, no tempo e no contratempo. A invenção da psicanálise pelo trabalho analítico levou Freud, em "Totem e Tabu", a encontrar um mito da geração desse ser. O assassinato do pai e a precipitação de seu efeito na história humana em forma de coordenadas do ser, propostas pelas fantasias das origens, encontraram variações na psicanálise moderna". Novidades de nossa representação no

Board da IPA são trazidas pelo colega Altamirando Andrade Jr (SBPRJ).

Vocês acompanharão a constituição das novas Diretorias de algumas federadas que chegaram a nosso conhecimento até este momento.

Aproveitamos esta oportunidade para agradecer a todos os que colaboraram conosco nos três números deste jornal por nós publicado, a todos os colegas que nos incentivam com seus comentários e, de minha parte, a toda a equipe editorial sempre atenta, colaboradora e competente. Um agradecimento especial a Três Design, responsável pelo projeto gráfico e diagramação, pela paciência e competência.

Desejamos um excelente final de ano a todos e que, no tempo de iniciar um novo ano, paz, harmonia e esperança possam predominar entre nós.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)



## CONSELHO DIRETOR

Presidente  
Gleda Brandão Coelho Martins de Araujo  
Secretária Geral  
Sílvia Helena Heimburger  
Tesoureira  
Rosaura Rotta Pereira  
Diretor do Conselho de Coordenação Científica  
Admar Horn  
Diretora do Conselho Profissional  
Ana Paula Terra Machado  
Diretora do Depto de Publicações e Divulgação  
Nilde J. Parada Franch  
Diretora de Relações Exteriores  
Anette Blaya Luz  
Diretor Superintendente  
Sérgio Antônio Cyrino da Costa

## CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Admar Horn  
Secretário: Daniel Delouya  
SBPSP: Vera Regina J.R. Marcondes Fonseca  
SPRJ: José de Matos  
SBPRJ: Wilson Amendoeira  
SPPA: José Carlos Calich  
SSPR: Maria Guimarães Lima  
SPB: Cíntia Xavier de Albuquerque  
SBPdePA: Astrid Muller Ribeiro  
SPPel: Lúcia Valquiria Souza Grigoletti  
SBPRP: Lia Fátima Christóvão Falsarella  
APERJ\_RIO 4: Eliana Lobo  
SPMS: Leila Tannous Guimarães  
GEPMG: Rosália Lage Martins Bicalho  
GEPG: Selma de Oliveira Barreiros Porto  
GEPFor: Rosane Muller Costa  
GEPCampinas: Martha Prada e Silva

## DEPTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editora: Nilde Parada Franch  
Co-Editora: Sandra Maria Gonçalves  
Corpo Editorial: Maria Aparecida Duarte Barbosa, Maria do Carmo Groke, Patrícia Vianna Getlinger, Suely Gevertz  
Jornalista Responsável: Helena Prado (MTB 51271)  
Site: Q&I- Qualidade e Informática  
Projeto gráfico e diagramação: Três Design  
Gráfica: Vida e Consciência  
Secretária: Renata Lang Marcel (renata@febrapsi.org.br)

## EXPEDIENTE

Federação Brasileira de Psicanálise  
A. N.Sra de Copacabana 540, sala 704 - RJ  
CEP 22020-001  
Tel 55 21 2235.5922  
Fax 2545.5138  
e-mail: FEBRAPSI@FEBRAPSI.org.br  
site: www.FEBRAPSI.org.br